

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

7

DISSIDÊNCIAS

NÚMERO 7, 2021
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

NÚMERO 7, 2021
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

DIRETOR

Rui Gama | diretor.letras@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

DIREÇÃO EXECUTIVA

COORDENADORA:

Rita Marnoto | rmarnoto@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ADJUNTOS:

Isabel Mota | ifmota@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

João Luís Fernandes | jfernandes@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Beatriz Marques | beatrizmarques@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SECRETÁRIA:

Carla Rosa | gapci@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CONSELHO CIENTÍFICO

Abel Barros Baptista | abelbb2@gmail.com

Universidade Nova de Lisboa

Agustín Serrano de Haro | agustin.serrano@cchs.csic.es

Universidade Complutense de Madrid

Albano Figueiredo | afigueiredo@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ana Gabriela Macedo | gabriellam@ilch.uminho.pt

Universidade do Minho

António Manuel Martins | amm.fluc@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Martins da Silva | ams@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Sousa Ribeiro | asr@ces.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ataliba Teixeira de Castilho | ataliba@uol.com.br

Universidade de São Paulo

Carlos Reis | c.a.reis@mail.telepac.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Christian Möckel | MoeckelC@philosophie.hu-berlin.de

Universidade Humboldt de Berlim

Diederik Meijer | d.j.w.meijer@arch.leidenuniv.nl

Universidade de Leiden

Domingo González Lopo | domingoluis.gonzalez@usc.es

Universidade de Santiago de Compostela

Eliás Sanz Casado | elias@bib.uc3m.es

Universidade Carlos III de Madrid

Étienne Nel | etienne.nel@otago.ac.nz

Universidade de Otago

Fátima Velez de Castro | velezcastro@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernanda Delgado Cravidão | cravidao@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernando José de Almeida Catroga | fcatroga@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Francisco Javier Pizarro Gómez | jpizarro@unex.es

Universidade de Extremadura, Cáceres

Francisco Oliveira | foliveir@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Gilles Gauthier | gilles.gauthier@com.ulaval.ca

Universidade do Québec, Montréal

Gustavo Cardoso | gustavo.leitao.cardoso@gmail.com

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa –

Instituto Universitário de Lisboa

Isabel Vargues | ivargues@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

João Lima de Sant'Anna Neto | jlsn57@uol.com.br

Universidade Estadual Paulista

Jordi Tresseras | gestiocultural@ub.edu

Universidade de Barcelona

Jorge de Alarcão | jorge.alarcao@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Antonio Frías | frias@usal.es

Universidade de Salamanca

José Augusto Cardoso Bernardes | augusto@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Augusto Guimarães | guima@marilia.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Lucinda Fonseca | fonseca-maria@campus.ul.pt

Universidade de Lisboa

Lúcio Sobral da Cunha | luciogeo@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Luísa Trindade | trindade.luisa@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Marc Lits | marc.lits@uclouvain.be

Universidade Católica de Louvain

Márcio Moraes Valença | marciovalenca10@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria del Carmen Paredes | paredes@usal.es

Universidade de Salamanca

Maria Helena da Cruz Coelho | coelhomb@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Miguel Bandeira | bandeira@ics.uminho.pt

Universidade do Minho

Pavel Szobi | pavel.szobi@vse.cz

Universidade de Economia de Praga

Pedro Aullón de Haro | p.aullondeharo@gmail.com

Universidade de Alicante

Peter Andersen | peter.andersen@uib.no

Universidade de Bergen

Roberto Gigliucci | roberto.gigliucci@uniroma1.it

Universidade de Roma, La Sapienza

Rui Pedro Julião | rpj@fch.unl.pt

Universidade Nova de Lisboa

Soterraña Aguirre Rincón | sore.aguirre@gmail.com

Universidade de Valladolid

Teresa Seruya | t.seruya@letras.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa

Thomas Earle | thomas.earle@mod-langs.ox.ac.uk

St. Peter's College, Oxford

Viriato Soromenho Marques | viriatosmarques@netcabo.pt

Universidade de Lisboa

Vitor Oliveira Jorge | vojorge@clix.pt

Universidade do Porto

REVISÃO DE INGLÊS

Rosa Bandeirinha, Samuel Alexandre

REVISÃO DE PROVAS

Carla Rosa

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

7 DISSIDÊNCIAS

NÚMERO 7, 2021
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1 - 3000-214 Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DESIGN

Carlos Costa

ISSN

0870-4112

ISBN Digital

2183-7139

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7

DEPÓSITO LEGAL

1401/82

PERIODICIDADE Anual • TIRAGEM 100 ex.

Biblos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* está indexada no European Reference Index for the Humanities (ERIH Plus), SCOPUS, WEBof SCIENCE, Directory of Open Access Journals (DOAJ), Dialnet e ANVUR

[HTTPS://IMPACTUM.UC.PT/EN/CONTENT/REVISTA?TID=28707&ID=28707](https://impactum.uc.pt/en/content/revista?tid=28707&id=28707)

[HTTP://WWW.UC.PT/FLUC/INVESTIGACAO/BIBLOS](http://www.uc.pt/fluc/investigacao/biblos)

© MAIO, 2021

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PROPRIEDADE • CONTACTOS • SEDE DE REDAÇÃO

Biblos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

Gabinete de Apoio a Projetos e Centros de Investigação. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea • 3004-530 Coimbra (Portugal)

Telef. 239 859984 • gapci@fl.uc.pt

SUMÁRIO

Dissidências	11
Eduardo Prado Coelho ou as dissidências políticas de um nómada intelectual	15
<i>João Moreira</i>	
<i>Seara Nova</i> . Dissidência de José Rodrigues Miguéis	39
<i>Teresa Martins Marques</i>	
Anti-isolamento, divergência e alternativa: a <i>copy art</i> enquanto prática artística dissidente.	51
<i>Bruno Ministro</i>	
Performatividade e dissidência expressiva nos anos 80 em Portugal, seguido de considerações sobre os Pop Dell’Arte	73
<i>Sandra Guerreiro Dias</i>	
Black dissent in America: exploring Ava DuVernay’s <i>Selma</i> and <i>13th</i> against the background of the 2020 anti-racial discrimination protests	95
<i>Maria Eduarda Gil Vicente</i>	
Diário da peste, de Gonçalo M. Tavares: a (in)sustentável fragilidade do ser.	117
<i>Ana Isabel Correia Martins</i>	
Dois modelos formativos “dissidentes” na formação superior de bibliotecários e arquivistas em Portugal: os casos do Estágio de Arquivistas (1913-1918) e do Curso de Bibliotecário-Arquivista (1931-1936).	139
<i>Diogo António Correia Vivas</i>	

Dissidências políticas em monumentos epigráficos 167
José d'Encarnação

Transgressões sexuais femininas segundo os processos inquisitoriais de sodomia (1591-1639) . . 203
Indira Leão

António Sérgio: um dissidente em constante busca de sentido 225
Sérgio Campos Matos

Cruzamentos

Dissidências, ou outras respirações 251
Ana Luísa Amaral

Entrevista

Dissidência: a natureza é amoral 259
António A. Coutinho

Recensões

Crossing borders, crossing cultures. Popular print in Europe (1450-1900) 277
Isabel Ferreira da Mota

Nuno Júdice. Camões por cantos nunca dantes navegados. Ensaio. 281
Rita Marnoto

Raquel Henriques Pereira. Castanheira, gente que resiste.
História e património cultural das povoações da Serra do Açor. 285
Leonardo Aboim Pires

Ilaria Tuti. Fiore di roccia. 289
Serena Cianciotto

Julia Roberts; Kathleen Sheppard; Ulf R. Hansson; Jonathan R. Trigg (Ed.).
Communities and knowledge production in archaeology 293
Sérgio Gomes

Riccardo Martinelli. Philosophy of music. A history. 299
Ana Beatriz Andrade

Próximo número

Incertezas

(Página deixada propositadamente em branco)

7

DISSIDÊNCIAS

(Página deixada propositadamente em branco)

DISSIDÊNCIAS

O presente número de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, que é o 7.º da 3.ª série, apresenta um conjunto de contributos dedicado ao tema Dissidências. Compreendendo a dissidência um larguíssimo espectro de atitudes, opiniões e comportamentos, vinculado a um desacordo de ordem conceptual, emocional ou de desempenho relativamente a uma norma estabelecida, os confrontos que dela decorrem propulsionam uma dinâmica que é tão instigante, pela acuidade das questões colocadas, como complexa, pela pluralidade dialéctica dos fatores envolvidos.

Espelha-o bem a série de artigos que desenvolve temas que vão das novas formas de expressão artística aos estudos culturais, da literatura à arqueologia, da ciência da informação à história das ideias.

A secção de artigos abre-se com um estudo acerca do percurso ideológico de Eduardo do Prado Coelho até à década de 1980, levado a cabo por João Moreira, que indaga as correntes de pensamento e as leituras que polarizaram seus interesses, em concomitância com os vários movimentos e as várias formações partidárias a que se foi associando. Daí resulta o retrato de um intelectual em constante dissidência, como o próprio Eduardo Prado Coelho o reconhecia, no quadro de uma heterodoxia teórica marcada por reiterados confrontos e desilusões.

Sucessivamente, o contributo de Teresa Martins Marques aborda a polémica que opôs o jovem José Rodrigues Miguéis ao grupo reunido em torno da revista *Seara Nova*, com destaque para António Sérgio. A discussão, que brotara de reflexões em torno do papel da Geração de 70, logo se alargou a uma diatribe que envolveu questões de intervenção social, de liberdade política e de renovação das mentalidades, levando ao afastamento de Miguéis do círculo dos seareiros.

Por sua vez, o domínio da *copy art* é tratado por Bruno Ministro, que dispensa particular atenção a um grupo de artistas portugueses ativos a partir da década de 1980, de entre os quais se destaca António de Aragão.

A divergência em relação ao uso da máquina, à discursividade, aos suportes de distribuição e ao estatuto da criação, em domínios hegemónicos, redundam na problematização de hierarquias, poder político e controle da linguagem implicados pelas novas práticas de *copy art*.

O enquadramento da eclosão, em Portugal, também na década de 1980, de tendências artísticas dissidentes de cunho experimentalista e performativo, leva Sandra Guerreiro Dias a centrar-se no caso dos Pop Dell'Arte e de João Peste. Assim é explorada uma estetização performativa marginal, inscrita num espaço que toca o panfletário, para se resolver numa expressividade experimental-performativa de vastas repercussões mediáticas.

No âmbito fílmico, duas obras de Ava DuVernay, *Selma* (2014) e *13th* (2016), são analisadas por Maria Eduarda Gil Vicente como contranarrativas dissidentes de formas de representação impostas por maiorias brancas, no plano dos atuais movimentos de protesto contra a violência exercida sobre os negros. A esse propósito, mostra-se como DuVernay problematiza e desmonta contradições históricas que se mantêm desde o tempo da abolição da escravatura.

O tratamento do conceito de dissídio, no campo da literatura, conduz Ana Isabel Correia Martins por uma leitura do Diário da peste, de Gonçalo M. Tavares, editado entre março e junho de 2020 no jornal *Expresso*, quando a pandemia imperava. Nele são descortinados conflitos e diálogos entre percursos mentais, literários, genológicos ou projetuais que põem em destaque motivos e estratégias presentes em toda a obra do escritor, ligando-se a momentos destacados da cultura universal.

Os dois modelos de formação de Bibliotecários e Arquivistas em Portugal, o Estágio de Arquivistas, criado em 1913, e o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, de 1931, são colocados em confronto por Diogo António Correia Vivas, num panorama que não deixa de contemplar a posterior evolução da área. Nesse sentido, é traçado um historial dos seus objetivos, da sua planificação curricular e do seu impacto formativo, integrando o papel de grandes figuras que se lhes encontram ligadas.

Monumentos epigráficos romanos sujeitos a *damnatio memoriae*, por implicarem personalidades que entretanto tinham deixado de merecer

reconhecimento, constituem o centro da investigação empreendida por José d'Encarnação. Depois de um percurso que se estende por Óstia e por Oviedo, o estudioso detém-se sobre Conímbriga e sobre uma grande placa calcária da qual foram apagadas gravações. Uma indagação acerca do alvo de veneração, da entidade da qual teria partido a iniciativa e do contexto arqueológico que a integrava culmina com uma proposta de reconstituição do seu conteúdo.

A exploração da noção de dissídio, a propósito da série de processos instaurados a mulheres por sodomia *foeminarum*, da Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia (1591-1595), e por sodomia heterossexual, da Inquisição de Lisboa (1620-1639), permite a Indira Leão documentar uma assimetria nas relações de poder com profunda radicação ideológica. É ditada por hierarquias de género e de estatuto social, naturalizando a violência sexual do masculino sobre o feminino. Da mesma feita, fica desvelada a existência de redes de solidariedade feminina, bem como a construção de estratégias de defesa própria.

A rematar a secção de artigos, a faceta autobiográfica do pensamento de António Sérgio merece a Sérgio Campos Matos uma pesquisa que traz à colação alguns passos menos estudados da sua obra. No quadro compósito daí resultante, a intersecção entre classicismo e romantismo, racionalismo e misticismo ou democracia e ditadura, na esteira de Hegel, é associada a ressonâncias fichteanas de aspiração ao Absoluto. A oposição e a complementaridade desses polos adquirem pois uma nova dimensão, ao serem interpretadas num plano autobiográfico que congrega instâncias autojustificativas e tensões dispersivas.

A esse conjunto de artigos, soma-se o contributo criativo de Ana Luísa Amaral, com o poema “Dissidências, ou outras respirações”, da secção Cruzamentos, bem como a entrevista de António A. Coutinho, intitulada “Dissidência: a natureza é amoral”, conduzida por Paulo Nossa. Poeta e cientista lançam um olhar agudo sobre os conflitos que marcam a humanidade, entre uma herança histórica ingente e uma contemporaneidade que acumula sonhos e desaires, sem abandonar a esperança em novos projetos de futuro. Integra ainda este 7.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade*

de Letras da Universidade de Coimbra a secção de Recensões, na qual são apresentados seis livros de recente publicação.

Completa o volume o convite à participação no próximo número de *Biblos*, que será dedicado ao tema Incertezas.

Rita Marnoto
Coordenadora da Direção Executiva

JÚDICE, NUNO (2019).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7_14

Camões por cantos nunca dantes navegados. Ensaio.

Lisboa: Sibila, 128 p.

ISBN 9789895436743

La genesi del libro che Nuno Júdice consacra a Luís de Camões si riflette nello stile fluente e nel linguaggio chiaro e preciso con cui è scritto. Le sue pagine riprendono infatti le lezioni che ha dedicato al poeta nei corsi all'Universidade Nova de Lisboa.

Alcuni dei migliori saggi della critica contemporanea sono il risultato di cicli, di incontri o di conferenze destinati a studenti universitari. A questi si rifà Nuno Júdice, citando subito nelle pagine iniziali uno degli autori di referenza per questa tipologia di saggi: Italo Calvino. Di fatto, le *Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio* furono concepite come una serie di conferenze da tenersi alla Harvard University nell'ambito delle Charles Eliot Norton Lectures del 1985. Non mancano gli esempi anche nell'ambito della critica camoniana. Basti ricordare il volume miscelaneo che riunisce le lezioni tenute al XLVIII Curso de Férias della Faculdade de Letras de Coimbra nel 1972, in occasione delle celebrazioni per il quarto centenario della *princeps* del poema *Os Lusíadas*. Alla realizzazione di quel volume contribuirono diverse generazioni di studiosi, da Américo da Costa Ramalho a Aníbal Pinto de Castro, Ofélia Paiva Monteiro, Vítor Aguiar e Silva e a Salvador Dias Arnaut.

Il saggio di Nuno Júdice si suddivide in dieci capitoli non numerati (tanti quanti sono i canti di *Os Lusíadas*), a cui si aggiungono una breve conclusione, la bibliografia e una nota sull'autore del libro. Ciascuno dei capitoli è dedicato a uno dei motivi che percorrono la partitura camoniana ("Como ser clássico", "O desconcerto em concerto", "O corpo do amor", ecc.), cosicché la sua trattazione

non rimane confinata a una delle tipologie metriche o a uno dei generi letterari che gli fanno da modello, bensì circola fra lirica, epica e lettere in prosa.

Le sue pagine sono frutto di un'attenzione estremamente fine al piano pragmatico, che si respira linea per linea. Lo dimostra, fin da subito, il titolo *Por cantos nunca dantes navegados*. L'incisività ludica del sintagma, che sulla copertina del libro si trova stampato sul celebre olio di Columbano, *Camões e as Tágides* (*Camões e le ninfe del Tago*), è un primo invito alla lettura. A sua volta, la scelta di non sovraccaricare il testo con una massa di note e rinvii è un espediente che facilita la lettura a vari livelli. Lo specialista in materia camoniana distinguerà, all'interno delle circonvoluzioni del filo della parola, un dialogo molto sottile con secoli di critica camoniana. Un altro tipo di lettore, che porta con sé un bagaglio culturale più lieve, non si sentirà demotivato da una foresta di rimandi, e potrà seguire con piacere le lezioni di Nuno Júdice, imparando ad apprezzare Camões (ancor più, speriamo).

In questo senso, ritrovare la traccia della ricezione camoniana è il tema del primo capitolo e dell'ultimo, come in una specie di cornice decameroniana. La riproduzione di alcune immagini particolarmente famose (Moreaux, Arcimboldo), così come il frontespizio di alcune opere attraverso cui il nome del poeta si è proiettato (l'edizione di Xavier Coelho, il *Postilhão de Apolo*) mostrano il percorso storico contenuto in quella cornice.

Por cantos nunca dantes navegados inizia con una riflessione intorno al concetto di classico, rivolta verso la ricezione di Camões. Ripercorrendo la strada di Italo Calvino, Nuno Júdice sottolinea gli echi del rumore di fondo, a cui aggiunge l'idea che siano i classici a leggere noi, con rimando a quanto scrive Philippe Solers nella prefazione alla traduzione francese di *Perchè leggere i classici*. Partendo da questi presupposti, il suo orientamento critico coinvolge da subito le grandi linee programmatiche indispensabili non soltanto alla comprensione di Camões, ma anche allo sviluppo degli studi camoniani: l'abbandono della strumentalizzazione politica, l'accantonamento dell'armamentario biografico e la rinuncia all'uso di *Os Lusíadas* come manuale per le esercitazioni in classe.

In effetti, nonostante la critica della manipolazione politica abbia consentito a Jorge de Sena uno dei suoi più celebri interventi pubblici, il *Discurso da Guarda*, proferito il 10 giugno 1977 (il 10 giugno è la ricorrenza dedicata

al Portogallo, allo scrittore Luís Vaz de Camões e alle comunità portoghesi nel mondo), il vezzo non è stato sanato nemmeno oggi. Anche lo studio e l'insegnamento della lirica camoniana in quanto racconto autobiografico continuano ad essere largamente praticati, per l'impossibilità di accedere a materiali validi, per facilità o per semplice abitudine. Per quanto riguarda la riduzione di *Os Lusíadas* a un manuale di grammatica, questa è stata, senza dubbio, una forma di decurtazione dell'apprezzamento estetico e letterario del poema per le molte generazioni di lettori alle quali è stato proposto come libro di sintassi. Delle tre ombre che, secondo Nuno Júdice, oscurano l'eredità del poeta, io sarei tuttavia tentata di concedere il purgatorio a quest'ultima. La costruzione di frase di Camões è un cristallo luminoso e la sua sintassi offre lezioni assolute di ordine e razionalità, dotate di uno straordinario valore formativo. La possibilità di riscattare la sintassi camoniana da questa griglia in cui la scuola di altri tempi l'ha chiusa, chiamandola al dialogo fra i vari campi che sostengono il senso letterario e la bellezza del poema, è una sfida educativa dei nostri giorni.

Il decimo capitolo, "Camões: um diálogo através dos tempos", fa da specchio al primo. In esso viene analizzata la formazione dei miti del poeta infelice, miserabile, perseguitato e marginalizzato, e anche la finzione della tumulazione al Mosteiro dos Jerónimos. Particolare attenzione è conferita al ruolo svolto da Almeida Garrett e Gomes Leal nel quadro del modellamento della figura del poeta nell'immaginario ottocentesco. Toccando brevemente Teixeira de Pascoaes, l'"anima portoghese" e la saudade, Nuno Júdice si sofferma sul Fernando Pessoa che fa di Camões una *bête noire*. Nonostante ciò, riconosce che tanto *Os Lusíadas* quanto *Mensagem* hanno in comune il fatto di essere delle opere con una voce al tempo stesso unica e plurale, attraverso un contrappunto tra il singolare e il plurale dei titoli (*Mensagem/Lusíadas*), tra il piano della comunicazione e il piano della storia. Inoltre, Pessoa ha capito che "Camões representa o fim da Era Imperial, e quando escreve o seu poema está a pôr uma pedra sobre a Utopia" (p. 112).

Per quanto riguarda gli indirizzi ermeneutici seguiti da Nuno Júdice a un livello più specifico, ne sottolineo tre.

Il primo passa dall'abbandono deliberato di una prospettiva biografica, che mette risolutamente in disparte l'esistenza anagrafica della/e amata/e

di Camões. Si tratta di una condizione essenziale per ricondurre la lirica camoniana al suo fulcro, il sentimento di dissidio petrarchista, e, al tempo stesso, all' esplorazione delle antinomie tra *concerto* e *desconcerto*, certezza e incertezza che sostengono il suo universo poetico.

In secondo luogo, è da notare l' interpretazione data dell' Isola di Venere nel capitolo intitolato, per l' appunto, "O jardim de Vénus". Le riflessioni sul giardino in quanto spazio naturale o anti-naturale, di avvicinamento all' eterico o alle proibizioni dell' elemento terreno mettono a nudo una *dispositio* retorica che proietta sulle cose "uma visão perspectiva de uma ordenação pessoal do mundo" (p. 92), la quale implica varie arti, dalla pittura e dalla scultura agli arazzi. Nel riflettere sull' eterodossia della ricompensa sessuale implicita nel contrappunto tra l' Isola di Venere e l' Eden cristiano, Nuno Júdice sviluppa una pista piuttosto acuta che chiama a collazione il paradiso islamico, "onde o crente será acolhido pelas *huris*, as donzelas que lhe irão dar a conhecer as delícias do outro mundo" (p. 90). Ma queste sono credenze del nemico maomettano.

Infine, ricordo il simbolismo che Júdice attribuisce a Babele e Sion e all' immagine di Sion anche come "substituto da mulher amada que, por se encontrar longe, se identifica com esse objectivo a alcançar" (p. 37). L' autrice dell' edizione critica delle *redondilhas* di Luís de Camões (in stampa presso il Centre International d' Études Portugaises de Genève), Barbara Spaggiari, mostra in termini definitivi che la seconda parte di *Sobre os rios* (lezione testuale più vicina all' *intentio auctoris*) è apocrifa. Questo dato testuale riconduce le *redondilhas* a una poesia amorosa, per cui viene meno la loro interpretazione come superamento risolutivo delle contraddizioni dell' universo camoniano, e l' enfaticizzazione dello spettro amoroso dell' immagine di Babele e Sion, nei termini in cui Nuno Júdice lo concepisce, si dimostra assolutamente corretta.

RITA MARNOTO

rmarnoto@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra

Centre International d' Études Portugaises de Genève

<http://orcid.org/0000-0003-0319-4026>